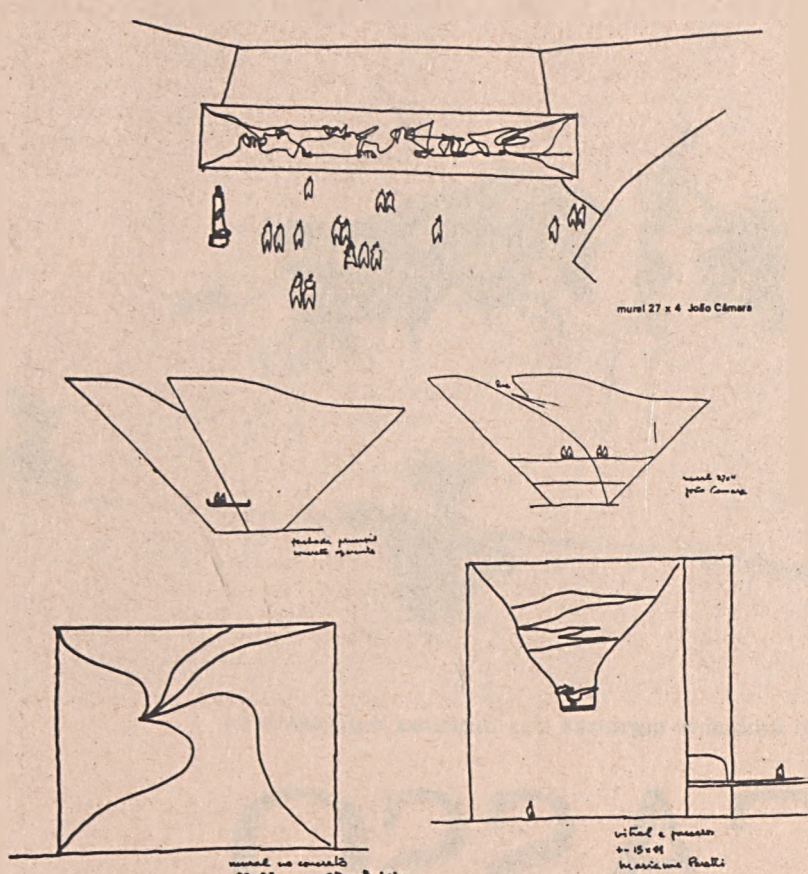


Artes Plásticas



"Croquis" de Oscar Niemeyer do futuro Panteão da Democracia

Brasília e seus artistas (III) - Alfredo Ceschiatti e Athos Bulcão

Estes dois são também artistas da primeira hora, isto é, daqueles que vieram participar dos sete dias da criação de Brasília. Felizmente Athos ficou entre nós, estabelecendo aqui sua morada e seu atelier:

Alfredo Ceschiatti nasceu em 1918 nas Minas Gerais, descendente de italianos. E escultor por excelência, embora igualmente desenhista e professor de artes. No início de sua formação artística frequentou a Escola Nacional de Belas Artes, vetusto estabelecimento de ensino das artes, que, apesar de sua didática acadêmica, não impediu o desabrochar dentro de um espírito de contemporaneidade de inúmeros talentos. Em 1943 na Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes recebeu, como escultor, medalhas de bronze e prata. Em 1945 recebeu o prêmio de viagem ao estrangeiro por seu trabalho em baixo-relevo na Igreja de São Francisco de Assis em Belo Horizonte. Em 1956 venceu, com equipe, o concurso de projetos para o Monumento aos Mortos da II Guerra Mundial, executando as esculturas do conjunto. Entre 1963 e 1965 lecionou escultura e desenho na Universidade de Brasília, afastando-se quando sobre ela caiu o véu obscurantista militar.

Encontramos obras suas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Museu de Arte de Belo Horizonte e em um edifício do conjunto residencial Hansa (setor ocidental de Berlim), que Oscar Niemeyer projetou. Aqui em Brasília as principais obras de Ceschiatti estão integradas à Catedral de Brasília. E impressionante o paralelismo da Catedral e seus profetas com o Santuário do Bom Jesus dos Matosinhos em Congonhas. São dois conjuntos arquitetônicos autênticos, cada um deles inserido em seu tempo histórico, e, ambos, representando cumes da criação artística.

Ceschiatti revive em suas obras o barroco, dando-lhe uma feição moderna e mais despojada. Suas figuras são de uma extraordinária elegância e fazem saltar aos olhos uma sábia disposição de volumes que conduz a uma plena estabilidade estética, muito apropriada aos papéis que elas representam dentro dos conjuntos arquitetônicos. Essa estabilidade — ou impeniência — que percebemos em suas figuras, no meu entender é uma exigência de uma peça de escultura quando ela se integra num cenário urbano como o de Brasília. Dos modernos escultores brasileiros, Ceschiatti é o mais influenciado pela escultura clássica — basta que vejamos a bela peça "Lêda e o Cisne" no Palácio Jaburu, onde a figura se planta graciosamente sobre o chão, e o panejamento e o próprio cisne fazem um contraponto de movimento e leveza à estabilidade voluptuosa da fornida Lêda.

Athos Bulcão é um artista talentoso e um homem singular. Seu depoimento a propósito dos 30 anos de Brasília, publicado na revista Módulo, é um modelo de simplicidade estilística que serve de lição a todos nós que nos metemos a escrever mais ou menos assiduamente. Afim de esclarecer o vínculo deste artista com a nossa cidade transcreverei aqui alguns trechos do citado depoimento: "Cheguei em Brasília no dia 15 de agosto de 1958, em companhia de Oscar Niemeyer e da equipe que com ele trabalhava no escritório da

NOVACAP no Rio de Janeiro (onde ingressei em setembro de 1957). Já havia estado aqui duas vezes naquele ano. Em 31 de março convidado por Juca Chaves (engenheiro construtor grande amigo de JK) para uma festa de cumeieira em um prédio de apartamentos na SQS 108. A noite houve uma grande reunião na casa do Cincinho Braga. Fazia muito frio, bebeu-se bastante. Depois da festa os convidados foram alojados em locais diversos. Alfredo Ceschiatti foi levado para a antiga sede da fazenda do Gama, ao lado da Catetinho. Acordando cedo, abriu a janela e deparou com uma paisagem insólita — o cerrado envolto em densa neblina, totalmente branco. Alarmado gritou: "Jogaram a bomba".

Da segunda vez, vim a serviço, ajudar Ana Maria Niemeyer na instalação dos móveis do Palácio da Alvorada. Passamos uma semana no canteiro de obras da construtora Rabello. O período coincidiu com o final da copa de 58 e aqui vivemos as emoções da vitória na Suécia".

E assim vai o texto de Athos Bulcão, suave e pitoresco, relatando os tempos heróicos da construção desta cidade. Mas o que sobretudo interessa aqui é registrar as marcas que alguns homens deixaram nesta Brasília. E Athos, entre todos, é o que mais contribuiu para enriquecer nossa arquitetura e, digo mais, estabeleceu novos parâmetros para adornar nossas paredes, fazer vibrar as superfícies construídas e quebrar a mesmice construtiva. Os azulejos decorados, material que pode ser incrivelmente vulgar, em suas mãos se transformam em algo emocionante e surpreendente pela singeleza das soluções. A Igrejinha de Nossa Senhora de Fátima, o Congresso Nacional e o Palácio do Itamaraty ostentam algumas soluções de arranjos ocasionais que são extremamente felizes. Mas não só aí constatamos o talento de Athos — os volumes brancos, singelos e prismáticos que encobrem as faces piramidais do Teatro Nacional oferecem à luz intensa do Planalto Central uma oportunidade de brincar de arte. Uma solução tão simples que me faz lembrar as palavras de João XXIII — fácil é complicar, o difícil é fazer as coisas simples".

O Panteão da Democracia é o mais recente projeto de Oscar Niemeyer para Brasília, em construção na Praca dos Três Poderes. Já no projeto o arquiteto escolheu os locais destinados às obras de arte e determinou o nome dos artistas. Assim, teremos painéis de Athos Bulcão, um mural do artista pernambucano João Câmara e vitrais de Marianne Peretti. O painel de Athos, segundo informa a revista Módulo, é um relevo em madeira pintada medindo 13,50 X 3,00. Nele o artista parte do uso de um único elemento que se repete em variadas posições sobre uma superfície, criando um conjunto espacial extremamente agradável e repleto de dinamismo.

Retificação: No domingo passado no artigo sobre Bruno Giorgi alinhei entre obras suas a Justiça que fica em frente ao Palácio da Justiça. Trata-se de um engano meu — a estátua esculpida em granito é de autoria de Ceschiatti.

ELDER ROCHA LIMA